

Família de Galdino chega para falar com FH

Promotora recorre da decisão da juíza mas acredita que julgamento só acontecerá daqui a um ano

Sérgio Marques

• BRASÍLIA. A família do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo há quatro meses, quando dormia num ponto de ônibus de Brasília, chegou ontem à capital para fazer um apelo por justiça, inclusive ao presidente Fernando Henrique Cardoso, com quem se pretende encontrar, hoje, no Planalto.

Pai, mãe, irmãos, filhos e primos (12 pessoas) enfrentaram 23 horas e meia de viagem de ônibus de Pau Brasil, no Sul da Bahia, para tentar mudar a decisão da juíza Sandra de Santis Mello, que transformou a denúncia original do Ministério Público contra os quatro acusados, de homicídio doloso (intencional) triplamente qualificado, em lesão corporal seguida de morte.

— Sabemos que o presidente não pode interferir nas decisões da Justiça, mas ele é o primeiro mandatário e tem poder para sensibilizar essa juíza. Desse jeito não vai haver punição, mas privilégio. Ela está tratando como coitadinhos os assassinos de meu tio — desabafou Wilson Jesus Souza, sobrinho de Galdino.



GENILDA, VIÚVA de Galdino, entre os parentes, chora na chegada da família a Brasília para iniciar a luta por justiça

Família tentará falar com presidente do STF e com Íris

Os pataxós vão tentar, ainda, falar com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Celso de Mello, e com o ministro da Justiça, Íris Rezende, que se solidarizou com a juíza. A família está

instalada numa chácara do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Valparaíso (GO), a 40 quilômetros de Brasília.

Tristes e desolados, os pataxós

acreditam que poderão mudar a decisão da juíza e, na sexta-feira, voltar para a Bahia com a certeza de que os acusados serão julgados pelo Tribunal do Júri, e não por um juiz singular.

A juíza recebeu ontem o recur-

so da promotora Maria José Miranda Pereira, que tenta manter a denúncia de homicídio doloso triplamente qualificado. A juíza pedirá hoje que a promotora envie as razões do recurso e, em seguida, distribuirá os documentos pa-

ra os advogados dos réus e da vítima. Só então o recurso será enviado ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal.

Esse processo deverá durar 30 dias, mas a promotora acredita que, com os recursos a serem feitos ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e STF, o julgamento do crime só deverá ocorrer daqui a mais de um ano.

Hoje a família de Galdino vai dar entrevista na CNBB e participar de manifestação na Praça do Compromisso, onde Galdino foi assassinado, batizada com esse nome pelo governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque (PT). No local está um monumento a Galdino feito pelo artista plástico Siron Franco. Além dos pataxós, também estarão presentes autoridades de Brasília, parlamentares e representantes de entidades de direitos humanos.

Manifestação no Rio pede mudança da decisão

No Rio, 20 pessoas, reunindo políticos, ambientalistas e estudantes, protestou contra a decisão da juíza, pondo um cocar na estátua que simboliza a Justiça, diante do Tribunal de Justiça. No fim do protesto, o índio Chico Guarany leu um poema seu pedindo a punição dos responsáveis pela morte de Galdino. O grupo também exibiu faixas, entre elas uma com a frase "Justiça arde na fogueira da impunidade".

09/08/97
9